



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

HEMILLY ADRIANY DA SILVA BORGES

**A GEOGRAFIA EM UMA SALA DE AULA INCLUSIVA: observações
na Escola Municipal João Alves Torres em Araruna-PB**

**GUARABIRA-PB
2023**

HEMILLY ADRIANY DA SILVA BORGES

**A GEOGRAFIA EM UMA SALA DE AULA INCLUSIVA: observações
na Escola Municipal João Alves Torres em Araruna-PB**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado a/ao coordenação/Departamento do curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do título de licenciada em Geografia.

Linha de pesquisa: Geografia, Educação e Cidadania

Orientador: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

GUARABIRA-PB
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B478g Borges, Hemilly Adriany da Silva.
A geografia em uma sala de aula inclusiva [manuscrito] :
observações na Escola Municipal João Alves Torres em
Araruna- PB / Hemilly Adriany da Silva Borges. - 2023.
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva,
Departamento de Geografia - CH. "

1. Inclusão. 2. Geografia. 3. Aulas. 4. Alunos. I. Título
21. ed. CDD 910

HEMILLY ADRIANY DA SILVA BORGES

**A GEOGRAFIA EM UMA SALA DE AULA INCLUSIVA: observações
na Escola Municipal João Alves Torres em Araruna/PB**

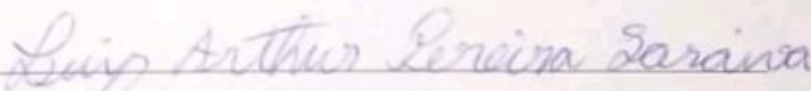
Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado a/ao coordenação/Departamento do curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do título de licenciada em Geografia.

Linha de pesquisa: Geografia, Educação e Cidadania

Orientador: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

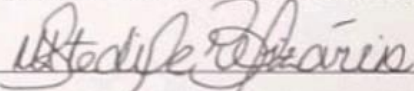
Aprovada em: 29/06/2023

BANCA EXAMINADORA



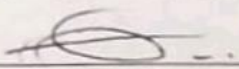
Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ivanildo Costa da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos e todas que foram de grande ajuda e inspiração nessa caminhada

“Como as aves, pessoas são diferentes em seus voos, mas iguais no direito de voar” (Judite Hertal)

A GEOGRAFIA EM UMA SALA DE AULA INCLUSIVA: observações

na Escola Municipal João Alves Torres em Araruna-PB

GEOGRAPHY IN AN INCLUSIVE CLASSROOM: observations

at João Alves Torres Municipal School in Araruna-PB

BORGES, Hemilly Adriany da Silva

RESUMO

É de suma importância que a inclusão seja tratada e colocada em prática na sala de aula. Para que os/as alunos/as, desde tenra idade, estejam habituados/as a respeitar as diferenças existentes entre eles/elas, assim esse trabalho objetiva discutir sobre a inclusão de alunos/as com deficiências motoras e intelectuais em sala de aula, durante as aulas de Geografia, com base nas observações realizadas durante o Estágio Supervisionado em Geografia II na escola Municipal João Alves Torres da cidade de Araruna/PB, nas turmas de 6º ano, hoje 7º. Para alcançarmos o objetivo proposto realizou-se uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, que envolveu as salas estudadas, foram observadas a dinâmica da turma com relação ao desenvolvimento de atividades curriculares, convivência em grupo e inclusão de colegas autistas e com dificuldades motoras e intelectuais. Adotou-se o método hermenêutico fenomenológico a fim de valorizar a vivência e as experiências do grupo. Assim foi possível compreender que a inclusão é fundamental, mas é normal que o/a professor/a em sala de aula encontre determinadas dificuldades e desafios para encontrar uma maneira de trabalhar a Geografia de maneira didática em sala, ensinar o respeito e assistir cada aluno/a nas suas particularidades.

Palavras-chave: inclusão, Geografia, aulas, alunos.

ABSTRACT

It is of paramount importance that inclusion is addressed and put into practice in the classroom. So that students, from an early age, are used to respecting the differences between them, this work aims to discuss the inclusion of students with motor and intellectual disabilities in the classroom, during the Geography classes, based on the observations made during the Supervised Internship in Geography II at the Municipal School João Alves Torres in the city of Araruna/PB, in the 6th grade classes, today 7th. In order to reach the proposed objective, a qualitative field research was carried out, which involved the classrooms studied, the dynamics of the class were observed in relation to the development of curricular activities, group coexistence and inclusion of autistic colleagues and those with motor and intellectual difficulties. The phenomenological hermeneutic method was adopted in order to value the experience of the group. Thus, it was possible to understand that inclusion is fundamental, but it is normal for the teacher in the classroom to encounter certain difficulties and challenges to find a way to work Geography in a didactic way in the classroom, teach respect and assist each student. /a in its particularities.

Keywords: inclusion, Geography, classes, male and female students.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO	10
2.1 INCLUSÃO NA PRÁTICA, NAS AULAS DE GEOGRAFIA	11
2.1.1 Respeito em sala de aula	12
2.1.2 A Geografia nesse cenário	13
3 DINÂMICA NAS SALAS	14
3.1 CARTOGRAFIA NAS AULAS	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Em décadas passadas não era comum que pessoas com deficiência frequentassem a escola, seja qual fosse a deficiência, mas no início do século XIX houve pioneiros/as no ensino de pessoas com deficiência: Charles Michel de L'Épée, criador da linguagem de sinais e fundador de um instituto para a educação de jovens surdos; Valentin Haüy, que fundou o instituto para a educação de jovens cegos e também foi criador de métodos de leitura de letras de alto relevo (CORRÊA, 2010).

Maria Montessori aprimorou técnicas de Jean Marc Gaspard e Édouard Séguin, ambos nomes importantes que defendiam a Educação Inclusiva e que colaboraram para que suas ideias fossem disseminadas, a princípio na Europa se expandindo então para outros países até chegar ao Brasil nos tempos atuais (CORRÊA, 2010).

Citando o Brasil, Dona Maria Helcida Campos Salgado, criou o primeiro instituto especializado no ensino inclusivo, o Lar Escola São Francisco, ao visitar um abrigo de menores, que hoje é a fundação Casa, Dona Maria se sensibilizou com a situação das pessoas com deficiência que eram isoladas, então decidiu criar um lugar para os abrigar e os ensinar, se dedicando a esse projeto por 48 anos (CORRÊA, 2010).

Segundo Batista e Cardoso (2020), a escola inclusiva nada mais é do que uma escola regular que respeita a individualidade e acolhe todos os tipos de alunos, não importando as suas diferenças e ritmo de aprendizagem. Ao citar a própria LDB/Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei 9.394/96), em seu artigo 59, os sistemas de ensino devem assegurar aos educandos com deficiências, recursos educativos, métodos e técnicas para que estes possam ter suas necessidades supridas.

Levando em consideração a realidade vivenciada em diversas escolas do Brasil, que não possuem nem estrutura e nem recursos pedagógicos apropriados para auxiliar nas aulas, Sampaio *et al* (2020) afirmam que a escola sempre deverá propiciar ao/a professor/a as condições adequadas, seja da gestão ou infraestrutura. Mas que o/a professor/a, não deve esperar que isso aconteça para que seja possível seu trabalho em sala de aula.

Visto que a inclusão é muito importante em sala de aula e que para ser colocada em “prática” sejam necessárias tanto estrutura como preparação dos/das professores/as, também se faz necessária uma conscientização coletiva: segundo Sampaio *et.al* (2020) para que uma escola seja inclusiva, não é necessário apenas aceitar pessoas com deficiências, é preciso que haja um bom projeto pedagógico, que começa pela infraestrutura da escola, envolvendo construções de rampas, banheiros e outros, e

planejamento pedagógico com atividades que sejam inclusivas para todos. Que o/a professor/a entenda que todos os alunos/as devem ter liberdade, pessoa com deficiência ou não.

Havendo conscientização por parte de todos, segundo Melo e Sampaio (2007, p. 128). “o professor/a de Geografia em sala de aula tem a função de potencializar os /as estudantes, utilizando diversas expressões para isso. Mas que se faz necessário entender a visão que os/as alunos/as têm em relação a escola e ao ambiente em que vivem”.

Refletindo sobre as questões acima citadas, nossa proposta neste artigo é discutir a realidade presente nas salas de aula da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Alves Torres no município de Araruna-PB. Para a realização desse trabalho foram necessárias várias visitas a referida escola com o intuito de observar a dinâmica em sala de aula durante as aulas de Geografia

As turmas observadas foram as do 6º ano do ensino fundamental, atual 7º ano: nessas mesmas turmas ocorreram o Estágio Supervisionado II em que foi realizada a minha regência. As salas contam com 30 alunos. Em uma delas, encontramos um aluno com diagnóstico de Transtorno de Espectro Autista.

Para execução do trabalho, realizou-se uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, que envolveu as salas estudadas, 6º ano atual 7º ano. Foi criada uma discussão sobre o que foi observado no decorrer das aulas da sala acerca da inclusão de alunos com Autismo e com outras condições.

O estudo de campo foi realizado durante o segundo semestre de 2022, se estendendo até o 1º semestre de 2023, a fim de observar possíveis avanços ou não no processo de inclusão desses alunos/as durante as aulas de geografia.

Num primeiro momento falaremos da importância da inclusão traçando um caminho de discussões sobre a importância da inclusão nas aulas de Geografia e a realidade encontrada nas salas de aula em que foram realizadas a regência. E por fim trataremos das considerações finais, nela apresentaremos os resultados desta pesquisa, e as percepções sobre a temática discutida.

2 IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO

É de suma importância que a inclusão seja tratada e colocada em prática na sala de aula. Para que os/as alunos/as, desde tenra idade, estejam habituados/as a respeitar as diferenças existentes entre eles/elas. Por isso, é imprescindível que temas de inclusão sejam abordados na escola, destinados a professores/as, alunos/as, familiares e funcionários/as, assim contribuindo para que a empatia venha nascer tornando o ambiente escolar mais acolhedor para todos.

Uma escola que trabalha a inclusão, que tenha acessibilidade, que estimule a visão de mundo de uma criança estará muito à frente de outras que não fazem o mesmo. Uma criança que aprende desde cedo na escola sobre valores de respeito e inclusão perceberá e aprenderá de acordo com as estruturas necessárias, questões que fazem parte do dia a dia das pessoas com deficiência, sejam elas motoras ou intelectuais.

Filmes, documentários, oficinas e materiais que falem sobre inclusão em sala de aula, auxiliariam bastante os/as professores/as a ensinarem seus discentes sobre inclusão em sala, para que todos/as pudessem aprender e conviver em um ambiente empático e acolhedor, independentemente de sua condição, seja ela qual for. Em uma sala de aula em que se trabalha a inclusão, a empatia e o respeito são viáveis.

2.1 INCLUSÃO NA PRÁTICA, NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Esse artigo tem o intuito de discutir a realidade presente nas salas de aula da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Alves Torres no Município de Araruna/PB. Durante o Estágio Supervisionado em Geografia II foram observadas algumas situações envolvendo alguns alunos com Transtorno do Espectro Autista, dificuldade de aprendizagem etc., gerando interesse pelo tema que está sendo aqui abordado.

Falaremos sobre a inclusão em sala de aula e como os/as professores/as trabalham a disciplina de Geografia de forma inclusiva, sendo a sala de aula um lugar no qual existem alunos/as com tantas diferenças entre si. Além de refletir sobre como esses/as professores/as lidam com os desafios de fazer com que o assunto de suas aulas seja compreendido por todos.

Conhecer a metodologia dos/as professores/as e como se dá sua atuação pedagógica nos ajudou a enxergar o cenário atual da sala de aula desses/as educadores/as, além de identificar se existem propostas inclusivas que respeitem à diversidade desses/as alunos/as.

Veltrone e Mendes (2007) pontuam que é necessário que educadores/as aperfeiçoem e adequem suas ações pedagógicas de forma a assegurar uma educação de qualidade a todos/as os/as alunos/as. Isso implica em uma proposta de ensino inclusiva, que não só enxerga as dificuldades dos/as alunos/as, mas busca recursos e estratégias para lidar com elas.

As escolas com propostas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações organizações, estratégias de ensino, recursos e parcerias com as comunidades. A inclusão exige da escola novos posicionamentos que implicam num esforço de atualização e reestruturação das condições atuais, para que o ensino se modernize e para que os professores se aperfeiçoem, adequando as ações pedagógicas à diversidade dos aprendizes (VELTRONE; MENDES, 2007, p.2).

Para um/a professor/a, uma preparação é extremamente importante até mais que lecionar em uma escola na qual possua estrutura e bons recursos pedagógicos, pois sem tal planejamento não se sabe como usará os recursos a seu favor em suas aulas, e isso também se aplica às ferramentas digitais que apresentam slides ou onde se montam mapas, gráficos e legendas para suas aulas de cartografia e dinâmica climática, por exemplo.

2.1.1 Respeito em sala de aula

Para Vigotsky (2010 *apud* PINO, 2010. P. 750), “o meio influencia o jovem e o seu desenvolvimento, ocorrem mudanças no condicionamento entre a pessoa e o seu meio, acarretando um entendimento dinâmico e relativo”. Partindo desse pressuposto quanto mais cedo crianças e jovens são ensinados/as a respeitar as diferenças entendendo que cada indivíduo tem suas particularidades, maior a probabilidade de empatia e respeito com o próximo.

O cenário de hostilidade, indiferença e, muitas vezes, descaso diminuiria drasticamente na medida que nossas crianças e jovens fossem condicionados a entender que é normal ser diferente e que essas diferenças não os diminuem, que nossos profissionais da educação recebam as devidas capacitações e orientações para acolher e promover a inclusão.

Na sala de aula, o respeito mútuo é um processo que acontece através da conscientização e empatia que deve vir da parte de todos/as, o ideal é que isso surja primeiro no/a professor/a, que precisaria enxergar cada aluno/a dentro de suas particularidades e tratá-los/las com respeito, buscando estratégias de inclusão que minimizassem a distância entre os diferentes níveis de aprendizagem dos/as seus/suas alunos/as.

No entanto para isso ser possível precisaria que os docentes tivessem uma capacitação, e melhor preparação para agir nesses cenários, pois na verdade estão condicionados a fazer o que é imposto através do sistema que os “obriga” a caminhar de um modo, sem levar em consideração a realidade desses/dessas estudantes.

Segundo, os/as estudantes inseridos/das naquele contexto de sala de aula que, a partir das inferências familiares que trazem consigo e do exemplo do/a professor/a passam a ser mais empáticos/cas e inclusivos com os/as seus/suas colegas. Assim, em conjunto, professores/as e alunos/as devem se respeitar, aceitando a diversidade que existe entre eles, criando um ambiente confortável para que o processo de ensino aprendizagem ocorra em todas as suas facetas; cognitivo, emocional e social, e para se criar esse meio mais acolhedor seria ideal que os alunos se apresentassem, falassem mais

sobre si, seus gostos, desgostos, sonhos, e que isso fosse feito através de atividades lúdicas e pequenas dinâmicas grupais.

Santos (2008) ressalta que inclusão é interagir com o outro, reconhecendo, entendendo e acolhendo a todos, sem exceção. Logo a interação com a sociedade é extremamente importante para a formação de um/a cidadão/ã e pessoas com deficiências não deveriam ser privados/as de seu direito de interagir com as pessoas ao seu redor, principalmente na escola. Nenhum/a aluno/a deveria ser deixado/a de lado durante uma atividade apenas porque é diferente dos/das demais, seja em questões intelectuais ou físicas.

2.1.2 A Geografia nesse cenário

Como sabemos, a Geografia se faz presente em sala de aula compondo o espaço geográfico em que todos/as estão inseridos/as. Essa disciplina também compõe o meio cultural e escolar das crianças e dos jovens e pode ser muito importante no processo de inclusão social em salas de aula (MELLO, 2012).

Através da Geografia, é possível demonstrar aos/as estudantes diferentes realidades físicas e econômicas e ensiná-los/as a respeitá-las, promovendo relações saudáveis entre eles/elas. Além desses fatores, a Geografia contribui para que o aluno/as tenha um olhar mais diferenciado sobre a sociedade da qual faz parte.

Seu papel é significativo, Amaral *et al* (2013) aponta a contribuição para o desenvolvimento de habilidades específicas, favorecendo a aprendizagem da observação, comparação e descrição, possibilitando ao/a estudante a apropriação de conteúdos que lhe permitem fazer sínteses de diferentes espaços de vivência e compreender suas contradições.

Para se planejar as aulas de Geografia, é preciso considerar o objetivo geral da disciplina para os anos finais do Ensino Fundamental, que consiste em conhecer o espaço geográfico e a dinâmica da natureza em suas múltiplas relações, de modo a compreender o papel das sociedades em sua construção e na produção do território, da paisagem e do lugar (BRASIL, 2000).

Em sala de aula, é comum se ouvir comentários de alguns/mas alunos/as que mostram como a Geografia continua sendo mal interpretada, pois os alunos/as só veem as aulas dessa disciplina como desinteressantes, acreditando que a Geografia só se baseia em mapas e isso é um grande equívoco, uma vez que o ensino da Geografia abrange inúmeros temas:

Existe um número quase infinito de temas, tópicos, conteúdos e técnicas que podem ser objeto de abordagem. No entanto, importa distinguir no seio destes os que realmente são fundamentais à educação geográfica, isto é, aqueles que, com maior eficácia, sejam capazes de desenvolver nos alunos a competência

de “saber pensar o espaço” para de forma consciente poderem agir no meio em que vivem (CACHINHO, 2002, p. 75).

É provável que esse desinteresse ocorra porque muitos/as professores/as ainda se apeguem apenas a determinado conteúdo, sem que haja inovação ou interesse em compreender a mudança presente na sociedade, e na nova era na qual estamos vivendo: devido à globalização, as coisas se modernizaram e, para não ficar obsoleto, somos levados a seguir essas mudanças ou “upgrades”.

Outro problema é a dificuldade na formação de professores/as que estão atuando com alunos/as com algum tipo de deficiência, transtornos ou dificuldades de aprendizagem. Muitos/as desses/as professores/as não tiveram formação adequada para trabalhar com esse público.

Para que o trabalho pedagógico desse/a professor/a seja efetivo e atenda as reais necessidades dos seus/suas alunos/as, é preciso que haja uma preocupação com a formação inicial e continuada desse profissional que deve prepará-lo para a diversidade que ele/a irá encontrar em sua sala de aula.

Um dos maiores desafios do ensino/aprendizagem de Geografia em uma sala de aula inclusiva é encontrar uma metodologia que alcance todos/as os/ alunos/as daquela sala em suas diferentes particularidades: deficiência, altas habilidades/superdotação, transtornos globais do desenvolvimento etc.

Esse desafio compreende um plano de trabalho dos conteúdos que sejam adequados para os/as alunos/as e que contribuam para o desenvolvimento de habilidades e competências previstas pela Base Nacional Comum Curricular-BNCC.

3 DINÂMICA NAS SALAS

Através do Estágio Supervisionado em Geografia II, foi possível perceber e conhecer um pouco sobre o funcionamento das aulas de Geografia, na sala de aula em que ocorreu o estágio, também foi possível observar como os/as professores/as lidavam com /as alunos/as portadores de deficiências durante as aulas.

O estágio aconteceu na turma do 6º ano, atual 7º ano da Escola João Alves Torres no município de Araruna/PB, nas aulas de Geografia que, em sua maioria, eram expositivas. A transcrição dos conteúdos e atividades na lousa era a ferramenta mais utilizada pelo/a professor/a. Os/as alunos/as que apresentavam alguma dificuldade de aprendizagem, deficiência ou transtorno não tinham nenhum direcionamento ou lhes era dispensado algum momento de atenção individual para que pudessem compreender o que estava sendo trabalhado.

A sala de aula apesar de numerosa era tranquila e colaborativa, com exceção de um/a ou outro/a aluno/a que conversava, que quer sair em horário de aula, ou que

acaba

perdendo tempo não conseguindo terminar as atividades propostas em sala a tempo, e isso faz com que acabe se atrasando na matéria e se prejudicando mais à frente, porém a professora passa algumas atividades para casa na qual vale uma pontuação para ajudar os/as alunos/as nas notas das provas ou na nota final.

Atualmente em 2023 a turma recebeu um novo integrante, um aluno com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista-TEA, ele senta logo à frente nas primeiras cadeiras e é bem colaborativo com as aulas, ele não é sociável com os outros, não tem amigos, prefere ficar sozinho, as vezes mexendo no celular, outras brincando com qualquer objeto que chame a atenção dele. Na hora de fazer a atividade ele se concentra bem, se não entende alguma letra da escrita no quadro ele pergunta, pergunta também na hora de consultar o livro didático para encontrar as respostas das atividades de sala, e se ele erra ao escrever algo ele conserta.

Os conteúdos abordados durante o período em que ocorreu o estágio supervisionado foram sobre tipos de paisagem (paisagem natural e modificada), Lugar e território e Sistema Solar. O professor da sala criava questionários sobre o assunto e os/as alunos/as consultavam o livro para responderem as atividades. A maioria delas tinha cerca de 10 questões e as turmas tomavam muito tempo para fazer pois as questões tinham respostas extensas. Seria bem interessante que isso fosse feito através de um quiz oral, onde seria perguntado aos/as alunos/as o que sabiam sobre determinado conteúdo, e partindo disso falar um pouco sobre isso pra que os/as alunos/as se sentissem mais instigados a aprender.

A dinâmica das aulas sempre era a mesma, independente dos conteúdos abordados. Era comum o/a professor/a realizar questionários de consulta aos livros, solicitar algum desenho ou pintura e pedir pesquisas para os/as alunos/as fazerem, escreverem no caderno ou desenharem. Era pedido como sendo um trabalho, que em geral, valia 2 pontos para a prova.

Porém, é imprescindível que o conteúdo trabalhado em sala seja lúdico para que assim instigue a curiosidade dos/as alunos/as, pois além de facilitar a relação dos/as professores/as com os/as alunos/as, ainda contribuirá para a criação de um elo aluno-professor que facilitaria a convivência no dia a dia.

O lúdico não se refere apenas ao brincar, jogar e ao movimento espontâneo. O lúdico é essencial no desenvolvimento humano, acrescentando ingredientes indispensáveis no relacionamento interpessoal, facilitando também a criatividade e estabelecendo relações. A ludicidade é uma necessidade do ser humano, independentemente da idade, e não pode ser vista como mera diversão, pois está ligada ao processo dinâmico da educação a fim de estabelecer relações concretas no processo de construção do conhecimento; é

também indispensável à saúde física, emocional e intelectual, uma vez que está presente na cultura dos povos desde os tempos mais remotos. É importante lembrar que o deficiente intelectual aprende melhor quando está em contato com recursos concretos (SILVA,2020, p. 6).

Poderia ser pedido para que o discente criasse um “caderno do meio” onde eles registrariam tudo o que achassem interessante no seu meio Geográfico, e isso poderia ser registrado através de fotografias, desenhos, pesquisas coladas, aqui a imaginação do/a discente estaria livre para criar e se expressar a sua maneira, e isso poderia ser de certa forma recompensado pelo/a docente, ou seja através da entrega de um pequeno mimo em forma de doces, e outras guloseimas, ou uma pontuação extra para a disciplina.

Já é sabido que um/a professor/a pode chegar a ver o ensino inclusivo como um grande desafio, pois não tem essa preparação em sua formação docente e que, ao se formar pode acabar se deparando com essa realidade, mas a adaptação das atividades curriculares se faz necessário para que o assunto seja melhor trabalhado em sala.

A flexibilização do currículo é uma forma de estabelecer o vínculo e a cumplicidade entre pais e educadores, para que, no espaço escolar, ocorra a coesão de vontades, entre educadores e família, das competências estabelecidas para a educação do aluno com autismo. Essa revolução estrutural acontece através do manejo do currículo frente aos desafios enfrentados com a vinda da criança com autismo à escola regular (OLIVEIRA, 2020, p. 3)

Porém, é importante também que o/a professor/a se mostre disposto/a a ajudar o/a aluno/a que apresenta dificuldades, seja para escrever, para ler ou desenvolver determinada atividade em aula, pois isso dará mais confiança ao/à aluno/a e o/a auxiliará a acompanhar o ritmo dos/as demais alunos/as, o docente poderia fazer isso com o que está ao seu alcance, levando em consideração é claro o que a escola na qual trabalha oferece para que isso seja possível, porém o incentivo do/a docente é muito significativo na visão do/a discente.

O docente deve observar seu aluno e incentivá-lo com entusiasmo, aproximando-se devagar e sempre com um objetivo traçado. A interação com a família é importante. Laço de companheirismo e solidariedade facilita o trabalho do educador. Muitas ideias vão surgindo quando se conhece e motiva o aluno. O processo pode parecer lento, porém, torna-se eficaz a partir de uma aula planejada e direcionada por metas e objetivos preestabelecidos (OLIVEIRA, 2020, p. 3).

A paciência deve ser “melhor amiga” do/a docente nesse processo de incentivo ao/a aluno/a que apresentar dificuldades de aprendizagem e de execução de atividades didáticas, mas, ao ser paciente e respeitoso pode se fazer uma grande diferença na vida desse/a aluno em questão e pode mudar a visão que ele/a tem da escola.

No segundo semestre de 2022 a turma do 6º ano, atual 7º ano, tinha um aluno autista com dificuldade moderada na comunicação e linguagem funcional e na interação social, esse aluno tinha dificuldade de interagir com os/as colegas de sala que gostavam

de o provocar, ele também era muito sensível ao barulho, não era raro o ver chorando ou

correndo para reclamar com as professoras do Atendimento Educacional Especializado, suas professoras preferidas, sobre as provocações dos/as seus/suas colegas.

No entanto, em 2023, houve uma mudança positiva em sua convivência com os/as colegas, ele está mais prestativo durante esse ano, se habituando um pouco mais ao barulho do sino da escola e do barulho dos/das colegas e todos elogiam e se admiram com suas mudanças.

Conversando com uma professora do Atendimento Educacional Especializado, ela falou que o que ocasionou essa mudança nesse aluno foi a adaptação dele à escola e aos colegas, como ele tinha recém-saído do 5º ano, no qual era apegado a apenas um professor e de repente se viu em uma sala com mais alunos e com vários professores, foi desafiador para ele.

Alguns/mas professores/as enfrentavam dificuldades para lidar com ele, alguns/mas até chegavam a ignorar suas reclamações sobre apagar o quadro antes que ele transcrevesse no caderno, o que gerava histeria nesse aluno e o fazia ir reclamar com as professoras do Atendimento Educacional Especializado ou a algum outro professor/a mais querido por ele.

As atividades para ele eram as mesmas que eram passadas para os demais alunos e ele apresentava dificuldades para escrever, pois perdia o foco apesar de ler e escrever muito bem, como citado pela professora do Atendimento Educacional Especializado e até o diretor atribuíram a mudança de comportamento dele a ele ter se habituado ao ambiente escolar.

Esses discursos nos fazem perceber que não foi a escola que respondeu as dificuldades desse aluno criando estratégias de ensino e melhor acomodação dele dentro do ambiente escolar. Foi o aluno dentro das suas especificidades que teve que se adaptar sem o apoio necessário à nova realidade e rotina de sala que lhe foi imposta.

Veltrone e Mendes (2007) ressaltam que incluir exige do ambiente escolar esforço, atualização e novos posicionamentos para que os/as professores/as aperfeiçoem e adequem suas ações pedagógicas a diversidade de alunos que encontram em suas salas de aula.

3.1 CARTOGRAFIA NAS AULAS

A Cartografia é um tema interessante de se citar, pois é muito difundida quando se trata do ensino escolar de Geografia. Ela se faz presente em nosso meio desde os primórdios, desde a era pré-histórica, certamente que vem se modernizando com o

avanço da Globalização, mas logicamente a cartografia não deveria deixar de ser citada,

principalmente com tamanha importância que carrega ao longo dos anos de história da humanidade. Segundo Albuquerque (2010, p. 6):

A cartografia como atividade já aparece nas descobertas Pré-Históricas, antes mesmo da invenção da escrita. Como vocábulo, Cartografia foi criado pelo historiador português Visconde de Santarém em carta de 8 de dezembro de 1839,

escrita em Paris e dirigida ao historiador brasileiro Adolfo de Varnhagem. Antes da consagração deste termo o vocábulo usado era cosmografia. As informações cartográficas constituem as bases sobre as quais se tomam decisões e encontram soluções para os problemas socioeconômicos e técnicos existentes. A Cartografia foi a principal ferramenta usada pela humanidade para ampliar os espaços territoriais e organizar sua ocupação. Hoje ela está presente no cotidiano da sociedade, levando soluções para problemas urbanos, de segurança, saúde pública, turismo e auxiliando as navegações.

A cartografia, além de uma ciência é uma arte que se expressa através de cartas, mapas e outros aspectos, afim de construir uma definição do que se quer representar através do meio (CORREA, 2009). Ela é muito importante e é imprescindível que seja trabalhada na escola desde muito cedo, de maneira lúdica e didática de forma a se tornar mais interessante de ser estudada.

Em vez de ver a cartografia como técnica esotérica para os aptos em matemática e engenharia, como língua culta para os mais cultos e como um conjunto de ferramentas especializadas que espantam até o último interessado em mapas, precisamos mergulhar no mundo fascinante das representações cartográficas e olhar além das suas aparências para alcançar os professores e outros “mortais” com curiosidade potencial de querer saber de mapas.[...] Quero mostrar que a cartografia é inteiramente humana e faz parte da nossa prática social: queiramos ou não, somos mapeadores da realidade, alguns mais outros menos (SEEMANN, 2012, p. 13-14 *apud* SILVA; SANTOS, 2018, p. 6).

Instigar o/a aluno/a a ler o seu meio geográfico, vai leva-lo/la a ver, por exemplo, desde o prédio do centro da cidade, as árvores na rua de sua casa com outros olhos, com o chamado olhar geográfico. Isso fará com que eles/elas percebam as mudanças que ocorreram no espaço onde vivem e que estão habituados.

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (CALLAI, 2005, p. 228 *apud* SILVA et al, 2016, p. 2).

Através dessa visão de mundo e do meio social e geográfico é possível utilizar nas aulas de Geografia recursos que façam essa utilização, levando os/as alunos/as a serem críticos/as afim de entender seu espaço e suas problemáticas.

Levando em consideração a importância da Cartografia no ensino e

aprendizagem da Geografia no Âmbito escolar, o professor deve pesquisar que tipo de Cartografia melhor se adequa a cada situação que se expressa em sua realidade, pois assim saberá como trabalhar a Cartografia naquele cenário:

A cartografia que interessa mais de perto à Geografia é aquela que exprime com mais fidelidade o produto do pensamento geográfico e, por isso, é altamente desejável que os construtores e os usuários da cartografia estejam em constante contato com as discussões e evoluções do conceito de espaço geográfico. (SANTOS, 2009, p.85)

No Ensino Fundamental, o ensino da cartografia deve possibilitar a compreensão de conteúdos como espaço, região, lugar, território, paisagem, sociedade para que o/a aluno/a seja capaz de reconhecer o meio no qual está inserido/a. Esse trabalho deve acontecer de forma interpretativa em que os/as alunos/as possam analisar criticamente os materiais estudados. Em uma sala de aula inclusiva quando a cartografia for incluída, é importante o entrosamento entre todos/as os/as alunos/as, principalmente nas atividades em grupo como seminários e dinâmicas feitas em classe.

Ao conversar com o diretor da escola campo, o mesmo falou que os/as alunos/as com deficiência são incluídos e integrados a todas as atividades que os/as demais fazem no dia a dia, e quando precisam de alguma ajuda são assistidos por algumas das professoras do Atendimento Educacional Especializado. O gestor também citou que a escola possui mapas muito antigos ainda de 1998, e que fez pedido de mapas mais atuais. Ele disse que os globos que havia na escola estavam quebrados e teve que pedir outros, no entanto pediu apenas dois, pois eram muito caros.

Visitando a sala do Atendimento Educacional Especializado vimos alguns recursos pedagógicos que envolvem a Geografia, tais como; quebra cabeça que formava o mapa do Brasil, um mapa branco grande em uma tela, com tampinhas de garrafa com iniciais dos estados brasileiros para serem colocadas em cima do mapa para indicar os estados. É importante que se busque possibilidades para tornar o ensino da Geografia mais compreensível para os/as alunos/as portadores de deficiência, e ao criar diversas possibilidades as condições de se trabalhar um determinado tema será mais viável em sala de aula.

Para um professor/as estagiário observar a dinâmica de um professor em sala de aula com seus alunos/as é uma experiência muito enriquecedora pois assim ele estará aprendendo como se portar em determinadas situações, pode aprender as técnicas usadas pelo professor e até mesmo ensinar algo, pois tudo é uma troca de experiências que acaba sendo enriquecedora para todos, também aos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração toda a discussão que fez parte desse artigo podemos perceber que o assunto é algo bem delicado de se tratar, pois envolve questões que

perpassam o meio escolar, dentre essas questões encontram-se a falta de formação e capacitação de professores e demais profissionais de educação, a adequação do ambiente

escolar para receber esses discentes e realmente incluí-los e a ausência de políticas públicas. Além disso conviver na prática do dia a dia com essa situação é diferente de saber só através de meios científicos e teóricos. A prática é o que norteia como será a interação e a convivência em uma sala de aula com alunos/as que portam essas necessidades especiais e determinadas limitações.

Trabalhar a inclusão é fundamental, mas é normal que o/a professor/a em sala de aula encontre determinadas dificuldades para isso, pois está em uma sala repleta de alunos/as, cada qual com seu temperamento, personalidade e maneira de ser e de se portar, exige muito e o professor/a além de encontrar uma maneira de trabalhar a Geografia de maneira didática em sala ainda deve procurar ensinar o respeito e assistir cada aluno/a, mas na prática sabemos que é algo difícil, e que o/a professor/a tenta dar seu máximo para ajudar a todos/as.

É importante que a escola também esteja disposta a ajudar, mas em muitos casos não é o que ocorre, pois falta verba para criar recursos didáticos, faltam projetos que tornariam o ensino mais dinâmico, faltam também profissionais capacitados para trabalharem em conjunto com o/a professor/a nesse papel de conscientização pois, apenas palestras e eventos isolados não são capazes de mudar, por exemplo, um caso de bullying isolado que porventura algum/a aluno/a sofra e que não chega aos ouvidos da direção da escola ou o/a professora não tome conhecimento e nem se mostre solícito/a à tentar resolver, o mesmo para os pais, as mães, e os/as responsáveis que muitas vezes não ficam sabendo sobre a vida acadêmica do/a filho/a, o que gera outro questionamento sobre a importância dessas figuras na vida da criança e do/a jovem principalmente na vida escolar, são atuantes ou não? E quais as consequências dessas figuras não serem presentes?

A Geografia é uma ciência muito abrangente, ela além de trabalhar conceitos físicos como biomas, países, cartografia, também trabalha o econômico como os blocos que compõe o globo, a globalização e atividades que cada país tem e que compõe suas rendas, mas a Geografia também é cultura, também estuda a convivência em sociedade de determinado indivíduo e seu papel no espaço Geográfico, logo uma pesquisa sobre o dia a dia em sala de aula de Geografia com alunos/as com deficiências e outras condições e limitações não é algo que está totalmente inviável.

Falar sobre solução é algo utópico e sem nexos, mas isso não significa que não

existam maneiras de diminuir o impacto e o choque da realidade na sala de aula, o/a professor/a pode se esforçar para ensinar respeito e inclusão nas aulas de Geografia e ao mesmo tempo criar recursos didáticos para ensinar a Geografia de maneira mais artística

e criativa mas, não há como sozinho/a o/a professor/a conseguir mudar alguma coisa.

É algo que pode se aplicar aqui, é preciso que os pais, e as mães, e os/as responsáveis também busquem entender, ajudar, e ensinar o respeito aos seus filhos/filhas em casa, e não lançar essa responsabilidade para a escola que aliás deveria ser muito mais atuante nessa questão e deveria procurar trazer recursos didáticos para que a Geografia possa ser trabalhada dentro de sala de aula de maneira mais criativa e didática, ao mesmo tempo que procure criar cursos e oficinas para capacitar os/as professores/as a lidar com essa realidade.

De acordo com os relatos e observações feitas sobre como é tratada e trabalhada a inclusão na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Alves Torres em Araruna, e pensando em um contexto geral para as demais escolas de nosso país fica a reflexão sobre como a inclusão é e deveria ser trabalhada nas aulas de Geografia, se está presente ou não e qual o nosso papel.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Paulo César Gurgel. **Ensinando cartografia**. Cap. 10. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12143534-Capitulo-10-ensinando-cartografia.html>> Acesso em: 04 Jul. 2023.
- ALMEIDA, E. S.; SAMPAIO, V. S.; SAMPAIO, A. V. O ensino de Geografia na perspectiva da Educação Inclusiva. **Geopauta**. v. 4, n. 3. 2020
- AMARAL, C. N.; et. al. Geografia e inclusão: Práticas Educativas Para Alunos Desatentos. In: **REENCONTRO DE SABERES TERRITORIALES LATINOAMERICANOS**. 14. EGAL. 2013. Peru.
- BATISTA, Letícia Alvez; CARDOSO, Maykon Dhones de Oliveira. Educação Inclusiva: desafios e percepções na contemporaneidade. **Revista Educação Pública**, v.20, n. 44, 17 de novembro de 2020.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CACHINHO, Herculano Alberto Pinto. Geografia escolar: orientações teóricas e práxis didáctica. **Inforgo**, Lisboa, n. 15, p. 69-90, 2002.
- CORREA, M.R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- DITTRICH, Maria Glória. LEOPARDI, Maria Tereza. Hermenêutica Fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.11, n.18, p.97-117, jan./jun. 2015
- MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. Uma aproximação à didática do ensino de Geografia. **Unesp/UNIVESP** v. 9, 1ª edição, D22 2012. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47174> acesso em 20 de jan. de 2023
- MELO, A. Á.; SAMPAIO, A. C. F. Educação inclusiva e formação de professores de geografia: primeiras notas. **Caminhos de Geografia - Revista Online**, Uberlândia, v. 8, n. 24, p. 124-130, DEZ/2007.
- OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, 8 de setembro de 2020.
- PINO, A. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. **Psicologia USP**, 21(4), 741-756. 2010

SANTOS, Clezio dos. **A cartografia e seus saberes na atualidade: uma visão a partir do ensino superior de geografia no estado de São Paulo.** 2009. 290 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociencias, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1610315>. Acesso em: 4 jul. 2023.

SANTOS, Ivone Aparecida dos. **EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE: uma prática a ser construída na Educação Básica.** Paraná. UENP- Campus de Cornélio Procópio, 2008.

SILVA, Francisco Gabriel da et al. A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental: o papel do professor “no ensinar” geografia. **Anais III CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2016. p.2-8.

SILVA, Gleise Rodrigues. **A cartografia na sala de aula: os desafios encontrados pelo professor de geografia no processo de ensino-aprendizagem.** 2016, Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2224?locale=pt_BR> acesso em 12 de fev. de 2023.

SILVA, Marilza Santos da; SANTOS, Clézio dos. O Ensino de Geografia e os Mapas Mentais de Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista no Município de Duque de Caxias/RJ. **Revista Continentes**, [S.l.], n. 11, p. 94-126, abr. 2018. ISSN2317-8825.

SILVA, Vanussa Sampaio Dias da. O lúdico como recurso metodológico na inclusão de alunos com deficiência intelectual no Ensino Fundamental. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 20, 2 de junho de 2020. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/20/o-ludico-como-recurso-metodologico-na-inclusao-de-alunos-com-deficiencia-intelectual-no-ensino-fundamental>> Acesso em: 18 de abr. de 2023.

VELTRONE, Aline Aparecida et al. A formação docente na perspectiva da inclusão: Científico. **CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES**, 9., 2007, Águas de Lindóia. A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO: Científico. São Paulo: Pró Reitoria de Graduação da Unesp, 2007. 179 p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/140051>> Acesso em 23 de abr. de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me guiado até aqui durante essa minha caminhada, pois, pela minha vontade, eu estaria cursando Letras-Português.

Agradeço em seguida ao meu orientador Luiz Arthur, por me auxiliar e ter tido bastante paciência devido meus progressos durante o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço também a cada um e a cada uma que de alguma forma esteve ao meu lado, me ajudando no que fosse, embora que no mínimo, mas esse mínimo me ajudou a chegar até aqui. Foram dias complicados, obstáculos que não dependiam só de nós para serem ultrapassados, porém enfrentamos e conseguimos os ultrapassar com excelência.

Aos amigos e amigas, na qual posso citar Elaine e Alessandro, veteranos do curso de Geografia, que conheci no ônibus e que me auxiliaram no início, aos amigos dos outros cursos mas que me ajudaram em alguns trabalhos como Lucas Maximino do curso de Direito, Flaviane do curso de História, que também são colegas da época do ensino médio.

Agradeço a Sabrina, colega de sala e vizinha por ter me auxiliado na montagem do meu último relatório de estágio, agradeço aos meus pais Adriano e Francisca por me levarem a tarde para a universidade para as orientações do TCC que fiz durante esta jornada.

Agradeço aos meus gatos, Galego, siamês red o mais velho de 16 anos; Peixoto ragdoll de 15 anos; Benjamin, siamês lynx de 9 anos; e Ana, a gata tricolor de 1 ano, que foram minhas companhias enquanto escrevia este trabalho e ajudaram a aliviar o estresse, em especial o mais velho.

Agradeço a quem acreditou no meu potencial e aqueles que criticaram, duvidaram ou tentaram me prejudicar de alguma forma, também deram seu incentivo, me fazendo ir além, trilhando esse caminho e conseguindo encerrar essa caminhada que, por enquanto, se encerra aqui.